

TEATRO DE S. CARLOS

SÁBADO, 27 DE JANEIRO DE 1934

ÀS 21,30 HORAS

FESTIVAL

DE

MUSICA CORAL PORTUGUESA

SOB A DIRECÇÃO DO

DR. IVO CRUZ

E DO ALTO PATROCÍNIO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

E DO

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

COMPOSTO E IMPRESSO NA
SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE TIPOGRAFIA, L.^{DA}
RUA ALMIRANTE PESSANHA,
3 e 5 (AO CARMO) — LISBOA

SOCIEDADE CORAL DE DUARTE LÔBO

COMISSÃO DE HONRA

SENHORAS:

Condessa de Proença-a-Velha
D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso
D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich
D. Honorina de Moraes Graça
D. Inger Wiese
D. Sarah da Motta Vieira Ferreira Marques

SENHORES:

Dr. Alberto Monsaraz
Conde de Monte-Real
Conselheiro Fernando de Sousa
Professor José Vianna da Motta
Visconde do Marco

Mestre de Côro: MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

ORQUESTRA DE CÂMARA DE LISBOA

CONSELHO ARTÍSTICO

Dr. Ivo Cruz
Flaviano Rodrigues
Luiz Barbosa
Pavia de Magalhães
Manuel Bentes
Filipe Lloriente

ASSISTENTES

Flaviano Rodrigues (cordas)
João Dias (sôpro)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Carlos Sá
Américo Lopes dos Santos
Manuel Santos
António Figueira Pereira

Arquivista: ANTONIO PEREIRA

SOCIEDADE CORAL DE DUARTE LÔBO

ALBERTINA D'ALMEIDA ROQUE
ALICE BRITO E CUNHA
ALICE DE SAMPAYO RIBEIRO
ALMERINDA AREZ
AMELIA DAS DORES FERREIRA NUNES
ANA DE BETTENCOURT
ANTONIA COLLAÇO
ARMINDA DOS SANTOS CANHOTO
CELESTE D'ALMEIDA ROQUE
ELISA SILVA SANTOS
EMILIA AREZ
ERMELINDA DE CARVALHO BRANDÃO
ESTER BENOLIEL
EULALIA DE JESUS SANTOS
EVA MARIA ARRUDA
FELICIDADE PEREIRA DE CARVALHO
GABRIELA SALES
DR.^a HELENA CALADO
ILDA LUZ
INÊS VIANNA DA MOTTA
LAURA CRONER
LEONILDE SIMÕES
MANUELA RIBAS
MARIA ADELAIDE AMOEDO RIBEIRO
MARIA ADELAIDE FONTES PEREIRA LEITE
MARIA ADELAIDE ROBERT
MARIA ADELAIDE SOARES CARDOSO CRUZ
MARIA AUGUSTA CORREIA VELHINHO
MARIA CRISTINA ROMERO
MARIA EDUARDA DOS SANTOS CANHOTO
MARIA ETELVINA FERNANDES D'OLIVEIRA
MARIA FERNANDA D'ALMEIDA CHICHORRO
MARIA FRANCISCA CRAVEIRO LOPES MARTINS
MARIA JOSÉ QUARESMA
MARIA JOSEFINA DIENER
MARIA ISABEL PAGANI
MARIA LUÍSA DE BARROS
MARIA LUÍSA DE SAMPAYO RIBEIRO
MARIA LUÍSA VIERLING
MARIA MANUELA CORREIA LEAL
MARIA PAULA MADEIRA

MARIA ROMANA VALENTE
MARIA ROMERO
MARIA ROSA DE CARVALHO BRANDÃO
MARIA TERESA DE MORAIS AMADO
MARIANA BONITO D'OLIVEIRA
MARINA LAURA MARTINS
SARA NAVARRO LOPES
SUZANA CONCEIÇÃO SILVA
TERESA BONITO D'OLIVEIRA
VITÓRIA LOPES DA SILVA
ZÉLIA DE FIGUEIREDO
ALBERTO DINIZ GUERREIRO
ALFREDO CRUZ
ALFREDO FERREIRA
ALFREDO GAMEIRO
ALVARO ANTONIO DA SILVA
ALVARO FERNANDES GUERRA
ANTONIO EMILIO D'EÇA
ANTONIO DE FIGUEIREDO
DR. ANTONIO JOSÉ PEREIRA
ANTONIO PACHECO
AURELIO PRATTS DA SILVA
CARLOS GAGLIARDINI GRAÇA
CARLOS GUEDES PISTONE
CARLOS MANAÇAS
CARLOS TEDESCHI D'AZEVEDO
CELESTINO GOMES FABIÃO
CESAR VIANA
CLAUDINO PEREIRA NICOLAU
ERNESTO CORREIA LEAL
DR. ERNST BLAU
ERWIN BRUMM
FERNANDO GONÇALVES HENRIQUES
FERNANDO SANTA-CLARA
FRANCISCO DA COSTA REIS
FREDERICO AGUIAR
DR. ISMAEL SIMÕES REIS
JAIME NUNES DA SILVA
D. JOÃO DA CAMARA
JOÃO JOSÉ DE BRITO
JOÃO SILVA SANTOS
JOSÉ MARQUES DA SILVA
JULIO DO NASCIMENTO ALEXANDRE
LUÍS STEIGER GARÇÃO
MANUEL GRILO
ENG.^o PEDRO ALVARES DA CUNHA BELEM
RAUL SANTA-CLARA
RUI GUEDES

Electa digno stipite
Tam sancta membra tangere.

Beata, cujus brachiis
Pretium pendit sæculi,
Statera facta corporis,
Tulitque prædam tartari.

O Crux, ave, spes unica,
Hoc Passionis tempore,
Piis adauge gratiam,
Reisque delle crimina.

Te, fons salutis, Trinitas,
Collaudet, omnis spiritus
Quibus Crucis victoriam
Largiris, adde præmium.

Amen

o sangue divino do Rei dos reis empurprou; lenho privilegiado por te haverem tocado os membros sagrados do três vezes Santo:

Como são felizes os teus braços que suportaram o Resgate do mundo e foram a balança em que foi pesado o que tirou a prêsa ao inferno.

Ó Cruz! Salve! Única esperança! Neste tempo da Paixão, em que a piedade dos justos aumenta, obtem o perdão dos culpados.

Admirável Trindade, a quem os anjos e os homens entôam louvores:

Guiai sempre os passos dos que salvastes pela vitória da Cruz!

Assim seja.

VII — CREDO

Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem, factorem cœli et terræ, visibilium omnium et invisibilium. Et in unum Dominum Jesum Christum, Filium Dei unigenitum. Et ex Patre natum ante omnia sæcula. Deum de Deo, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero. Genitum non factum, consubstantialem Patri, per quem omnia facta sunt. Qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de cœlis. Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine. Et homo factus est. Crucifixus etiam pro nobis sub Pontio Pilato, passus et sepultus est. Et resurrexit tertia die secundum scripturas: et ascendit in cœlum, sedet ad dexteram Patris. Et iterum venturus est cum gloria judicare vivos et mortuos: cujus regni non erit finis. Et in Spiritum Sanctum Dominum et vivificantem, qui ex Patre Filioque procedit; qui cum Patre et Filio simul adoratur et conglorificatur; qui locutus est per prophetas. Et unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam. Confiteor unum baptismum in remissionem peccatorum. Et expecto resurrectionem mortuorum, et vitam venturi sæculi.

Amen.

Creio em um só Deus, Pai onipotente, creador do céu e da terra, de tudo o que é visível e invisível. E em um só Senhor Jesus Cristo, filho unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, que é Deus provindo de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não feito, consubstancial do Pai, por quem todas as coisas foram criadas. Que por causa de nós e de nossa salvação desceu dos céus; e encarnou por obra do Espírito Santo em Maria Virgem e se fez homem. Crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado. E ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; subiu ao céu e está sentado á mão direita do Pai, de onde tornará para julgar vivos e mortos; e seu reino não terá fim. E no Espírito Santo, também Senhor e vivificador, que procede do Pai e do Filho, com os quais é juntamente adorado e glorificado, e é o que falou pela boca dos Profetas. E na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Confesso um só baptismo para remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos e a vida eterna nos séculos futuros.

Assim seja

O PRÓXIMO CONCERTO REALIZA-SE NA TERÇA-FEIRA 6 DE FEVEREIRO COM OBRAS DE HANDEL, PURCELL, SEIXAS, REGER, FREDERICO DE FREITAS E TSCHAIKOWSKY — Solista: Macário Santiago Kastner (cravo)

DIRECÇÃO

DR. IVO CRUZ

CÔRO

SOCIEDADE CORAL DE DUARTE LÔBO

ORQUESTRA

ORQUESTRA DE CÂMARA DE LISBOA

SOLISTAS:

ELSA PENCHI LEVY (SOPRANO)

MARIA LUIZA LISBOA (CONTRALTO)

JOSÉ ROSA (TENOR)

MARIO MOTA PEREIRA (BAIXO)

CRAVO:

MACARIO SANTIAGO KASTNER

- | | |
|--|-----------------------------|
| I — TANTUM ERGO (1. ^a audição) ... | Seixas |
| II — VENI DOMIME (1. ^a audição) ...
Verso a 3 (soprano, contralto e tenor) | Antonio Teixeira |
| III — JUSTUS UT PALMA (1. ^a audição)
a) solistas
b) côro | Francisco Antonio d'Almeida |
| IV — MISSA PASTORAL (1. ^a audição) . | Sousa Carvalho |
| V — VEXILLA REGIS..... | Sampayo Ribeiro |
| VI — INTERLÚDIO sôbre a salmódia
do 7. ^o tom (1. ^a audição) | Costa Pereira |
| VII — CREDO | Joaquim Casimiro |

Nota — Os números I a IV são executados segundo a revisão, realização do baixo cifrado e transcrição para orquestra de Mário de Sampayo Ribeiro.

Harmonium Hebig
da Casa Valentim de Carvalho

Harmonium Hildebrand
da Casa Olavo Cruz

INTERVALO ENTRE O IV E V NÚMEROS

ADVERTÊNCIA

Por esse mundo em fora tem ido certa azáfama pelos arquivos em busca de obras que jaziam no olvido. Não poucas revelações têm surgido como consequência desse labutar.

Em Portugal, até agora, esses trabalhos quasi não saíram do âmbito de inventário. Graças, principalmente, a Luiz de Freitas Branco, já hoje não há dúvidas que os compositores portugueses dos séculos XVI e XVII estiveram à altura de seus émulo estranhos, embora as suas obras continuem a permanecer no quasi total desconhecimento do público.

Nas minhas buscas cheguei à conclusão que também nos três primeiros quartéis do século de setecentos os principais compositores portugueses não deviam temer confrontos alheios. Mas, não me contentando com inventariar as obras mais notáveis, busquei como ressuscitá-las.

Enorme dificuldade, porém, se levanta a quem queira tentar essa tarefa — a realização do baixo cifrado.

Todos sabem que, por então, os compositores se limitavam a indicar rudimentarmente a harmonia sobre as notas que o órgão devia tocar na mão esquerda, como sustentáculo (baixo) do conjunto. A cifração não era quasi sempre um fim, mas apenas meio de limitar a perícia do acompanhador, o qual havia de improvisar (por vezes até a melodia) com inteira liberdade, embora a-dentro da harmonização preconizada pelo autor.

Para que hoje, volvidos cerca de dois séculos, se possa realizar um baixo-cifrado e fazer a respectiva transcrição para orquestra, é preciso dispor de grande perícia e estar familiarizado, se não identificado, com o gosto, o estilo e os processos da época respectiva.

Nenhuma das condições se verifica em mim, que só disponho de grande amor por tudo o que é português e de enorme desejo de valorizar o que está esquecido injustamente.

Creio, todavia, que fiz o mais e o melhor que pude. Não tive em mira celebrar-me. Desejo apenas isto: provar que as obras dos nossos compositores de então são, em relação a seu tempo, do melhor que há; contribuir para a consciente glorificação desses Mestres, tornando suas obras conhecidas; estimular outros mais competentes a levarem por diante a obra de que tomei a iniciativa, por a casualidade me ter proporcionado ensejo.

A estes últimos, que são os que podem ajuizar das dificuldades que inçaram o meu trabalho, peço que o acolham com indulgência e com a paternal benvolência que é apanágio dos Mestres.

*
* *

Com vista a fazer desaparecer as desigualdades que caracterizaram a obra artística de Joaquim Casimiro Júnior, expurguei o CREDO, que vai cantar-se, de dois trechos que contrastavam com os restantes, e substituí-os por outros tantos tirados dos famosos *Ofícios de quarta-feira de Trevas*. Refundi, também, a instrumentação da admirável fuga que remata a obra.

Pode haver quem discorde do meu critério. O CREDO, porém, como obra de arte, ficou melhor assim.

MÁRIO DE SAMPAYO-RIBEIRO

B — GLORIA IN EXCELSIS DEO (GLORIA A DEUS NAS ALTURAS)

- | | |
|--|--|
| a) (Côro) — Et in terra pax hominibus bonæ voluntatis. | a) E paz na terra aos homens de boa vontade. |
| b) (Solo) — Laudamus te. Benedicimus te. Adoramus te. Glorificamus te. | b) Nós vos louvamos, vos bendizemos, vos adoramos, vos glorificamos. |
| c) (Coro) — Gratias agimus tibi, propter magnam gloriam tuam. | c) Nós vos damos graças pela vossa glória inatingível. |
| d) (Quarteto) — Domine Deus, Rex coelestis, Deus Pater omnipotens. Domine fili unigenite. Jesu Christe. Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patris. | d) Senhor Deus, Rei do céu, Deus Pai todo poderoso. Vós, Jesus Cristo, Filho unigénito de Deus, cordeiro de Deus, Filho do Eterno Pai. |
| e) (Solos e côro) — Qui tollis peccata mundi, miserere nobis. Qui tollis peccata mundi, suscipe deprecationem nostram. Qui sedes ad dexteram Patris, miserere nobis. | e) Que tirais os pecados do mundo, compadecei-vos de nós. Vós que apagais os pecados do mundo, dai ouvidos à nossa fervorosa prece. Vós que estais à mão direita de Deus Pai, amerciái-vos de nós. |
| f) (Côro-fugato) — Quoniam tu solus Sanctus. Tu solus Dominus. Tu solus Altissimus. Jesu Christe. Cum Sancto Spiritu in gloria Dei Patris. Amen. | f) Porque só vós, Jesus Cristo, sois Santo, porque só vós sois o Senhor, porque só vós sois o Altíssimo que reina com o Espírito Santo na glória de Deus Pai.
Assim seja. |

V — VEXILLA REGIS (HINO DA SANTA CRUZ — SÉCULO VIII)

Vexilla Regis prodeunt,
Fulget Crucis mysterium,
Qua vita mortem pertulit,
Et morte vitam protulit.
Quæ vulnerata lanceæ
Mucrone diro, criminum
Ut nos lavâret sordibus,
Manavit unda, et sanguine.
Impleta sunt, quæ concinit
David fidei carmine,
Dicendo nationibus:
Regnavit a ligno Deus.
Arbor decora, et fulgida,
Ornata Regis purpura,

Estão desfraldados os estandartes do Rei.
Fulge o mistério da Cruz, sobre a qual o
Creador da vida sofreu afrontosa morte,
por cujo intermédio nos assegurou a vida eterna.

Do lado sacrossanto de Jesus, trespassada por aguda lança, brotou água e sangue para lavar o negrume dos nossos crimes.

Cumpriram-se as palavras de David, o tão inspirado profeta, quando disse às nações: Será por meio de um madeiro que Deus reinará.

Lenho prefulgente e formoso; lenho que

TEXT O

I — TANTUM ERGO

(DO HINO: PANGE LINGUA, DE SANTO TOMAZ DE AQUINO)

Tantum ergo Sacramentum
Veneremur cernui:
Et antiquum documentum
Novo cedat ritui:
Præstet fides supplementum
Sensuum defectui.

Genitori, Genitoque
Laus, et jubilatio,
Salus, honor, virtus quoque
Sit, et benedictio:
Procedenti ab utrôque
Compar sit laudatio. Amen.

Adoremos reverentemente e prostrados
a tão Augusto Sacramento (a Eucaristia).
A antiga Lei ceda ao novo rito. Que a Fé
supra a falta da nossa compreensão.

Louvor, júbilo, saúdação, honra, virtude
e graças sejam tributados ao Pai e ao Fi-
lho. Igual tributo tenha o Espírito Santo,
que procede de ambos.

Assim seja.

II — VENI DOMINE

(VERSO A 3: EXCITA DOMINE)

(SALMO 79)

Excita, Domine, potentiam tuam, et veni,
ut salvos facias nos.

Intensifica, Senhor, o teu poder, e vem
salvar-nos.

III — JUSTUS UT PALMA

(SALMO 91)

Justus ut palma florebit, sicut cedrus
quæ in Libano est multiplicabitur.

O justo florescerá como a palmeira, e
multiplicar-se-á como o cedro que está no
Libano.

IV — MISSA PASTORAL

A — KYRIES

a) — (Côro) — Kyrie eleison. (3 vezes)
b) — (Terceto) — Christe eleison. (3 vezes)
c) — (Côro) — Kyrie eleison. (3 vezes)

a) Senhor, apiedai-vos de nós. (3 vezes)
b) Cristo, apiedai-vos de nós. (3 vezes)
c) Senhor, apiedai-vos de nós. (3 vezes)

NOTAS

No último quartel do século xvii e em quasi todo o de setecentos, a música coral só foi cultivada nas obras escritas com destino à Igreja. Embora esta prescrevesse normas a que a música sacra devia obedecer, o certo é que o gosto profano invadiu os templos e, para a música instrumental, não há diferença entre o género sério e o género sacro. Só no terceiro quartel do século xviii começa a aparecer na ópera a participação cénica do côro, mas essa de tão sômenos importância que não se pode avaliar, por ela, os méritos dos compositores quanto à escrita coral.

As grandes obras com côro do século xviii foram escritas com fim religioso. As raríssimas de carácter profano são muito inferiores sob qualquer ponto de vista (por exemplo — as cantatas profanas de J. S. Bach) às outras.

No último quartel do século xviii, quando se subverteu por toda a parte o bom gosto, o género bufo invadiu também a música de igreja. Na primeira metade do século xix ninguém entre nós escreveu melhor para côro do que Joaquim Casimiro, e dêste as melhores obras tiveram destino aos templos da Capital.

Eis a razão do programa ser exclusivamente composto de obras com texto latino.

JOSÉ ANTÓNIO CARLOS DE SEIXAS

Nasceu em Coimbra em 1704. Frequentou as aulas do Mosteiro de Santa Cruz, onde se revelou menino prodígio, quer no órgão, quer no cravo, e se tornou o enlêvo dos cônegos regrantes. Estes mandaram-no para Lisboa, à guarda e amizade dos Agostinhos descalços da Graça, quando souberam que Domingos Scarlatti se estabelecera na Côrte.

O «Tantum ergo» que hoje se canta é, em todo o programa, a única página de música sacra. Ainda hoje está em absoluto acôrdo com o Motu-próprio. É também a mais antiga das composições que se executam nesta noite e espécime curioso da transição da harmonia modal para a tonal. Atesta também a fé viva do autor, que faleceu prematuramente aos 38 anos de idade.

A revisão, a realização do baixo cifrado e a transcrição foram feitas sobre o exemplar manuscrito (com êrros) do arquivo da Sé Patriarcal e que pertenceu a Frei José Pereira de Santa Ana.

ANTÓNIO TEIXEIRA

Natural de Lisboa, nasceu em 1707. Porque manifestasse grande queda para a música, a munificência de El-Rei Dom João V, mandou-o para Roma em 1716, tinha 9 anos, para um dos Seminários-conservatórios que por lá havia. Por a sua escrita ser em extremo cravística, supponho que deve ter frequentado a escola em que haviam pontificado Pasquini e Alexandre Scarlatti. Êste «Veni Domine» é um moteto em forma de responsório, existe no arquivo da Sé de Lisboa, e está datado de 1756. Infelizmente o tempo não permitiu que se tocasse na íntegra. Executa-se só o Verso a 3 — que é, em verdade, primoroso.

Até hoje, tem-se registado a existência de dois compositores homónimos contemporâneos. O exame das obras, porém, comprova que o «Sr. António Teixeira» e o «Padre-Mestre António Teixeira», foram uma e a mesma pessoa.

Faleceu depois de 1770 e não, como tem sido afirmado, no terramoto.

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA

Nada se sabe sobre a data e lugar de seu nascimento e morte. Deve, porém, ter nascido à roda de 1705. Seguiu para Roma, pouco depois de ter ido João Rodrigues Esteves. Ao passo que este foi aperfeiçoar a sua técnica de contra-pontista com o famigerado Octávio Pitoni (1657-1743), Almeida, muito embora freqüentando a mesma escola, deve também ter bebido nas fontes em que pontificaram Alex Scarlatti e Leonardo Leo. A sua notoriedade foi tal que, embora muito novo, fez cantar em Roma dois «componimenti sacri» — um em 1722, outro em 1726 — facto que se não deu com qualquer outro dos pensionistas do real bolsilho. Contemporâneo de Bach a sua escrita não é inferior à de Händel.

E o nosso único compositor de estilo barrôco, época em que a polifonia passou a ter certa verticalidade de escrita — terceiras e sextas paralelas. Os dois motetos, sobre as mesmas palavras, que hoje se cantam, provam à saciedade o grandíssimo mérito do autor.

No arquivo da Sé de Lisboa se guarda a cópia (com erros) sobre que foi feita a transcrição.

Francisco António de Almeida também abordou com êxito a ópera. Uma ária da «Spinalba» tem sido cantada com êxito em nossos dias.

JOÃO DE SOUSA CARVALHO

Era alentejano e deve ter nascido à roda de 1745. Fez a sua aprendizagem no país e foi mandado aperfeiçoar-se a Nápoles, onde entrou no Conservatório de Santo Onofre de Capuana no dia 15 de Janeiro de 1761. Aí teve como condiscípulo e émulo o depois celebrado Paisiello. Recebeu lições de Porpora, de Contumacci e de Dol. Este último era alemão (bávaro). Tornado de Nápoles em 1767, grangeou em breve grande fama, quer em música de ópera, quer em música para igreja.

A «Missa pastoral» é espécime precioso dum género de música que se seguiu à proibição dos vilancicos e próprio do período que vai do Natal à Epifania. Construída em volta de um tema, tem trechos verdadeiramente deliciosos e que atestam muito bom gosto. A Rainha Dona Maria I apreciava-o muito e dizia que «ele compunha de modo que agradava», e, ao tempo, era o máximo que se dizia e que podia ambicionar-se.

Faleceu em 1798.

A revisão, etc. foi feita sobre o próprio autógrafo, que possuo na minha colecção. Comprei-o na «feira da ladra» há cerca de três anos por... 3\$60!!!

PEDRO FERNANDO DA COSTA PEREIRA

Lisboeta da gêma. Viu a luz do dia na freguesia de S. Cristóvão em 1868. Organista e compositor de merecimento é actualmente professor do Conservatório e mestre de Capela da Sé Patriarcal. A sua obra é vasta e não pode ser apreciada pelo pequeno trecho que hoje se executa e que é incluído no programa pela necessidade que há de dar um descanso ao côro. O pequeno «Interlúdio» ouve-se com prazer. Composto sobre a linha melódica da salmódia do sétimo tom, o trabalho harmónico é, contudo, nitidamente cromático e de todo fora dos tons eclesiásticos.

JOAQUIM CASIMIRO JÚNIOR

Em 1862 — há 71 anos — quando Casimiro morreu, Lisboa, que o admirava, vestiu luto rigoroso e passou a consagrar-lhe a maior veneração. Anos depois começavam de lhe bater e acusando-o de tudo, inclusivé de não ter ido ao estrangeiro e de não ter escrito o *Lohengrin*.

Todos, porém, não viram que Casimiro foi apenas uma grande vítima do seu tempo e não atentaram no desabafo admirável que se lê em sua auto-biografia: «a minha carreira era rápida e sabe Deus onde chegaria, se o cataclismo político que inverteu todas as coisas do nosso país a não tivesse cortado»...

A prova provada do seu mérito excepcional está neste «Credo», escrito em época em que Lisboa não ouvia outra coisa mais que: Mercadante, Pacini, Coppola, Fioravanti e Rossini (mas o mau...).

No início, no maravilhoso «Crucifixus», no suavíssimo «Qui cum Patre» e na portentosa fuga final não há nem vestígios de qualquer deles. São páginas sólidas que resistem a tudo.

Casimiro nasceu em Lisboa em 1808 e está enterrado no Cemitério do Alto de S. João, na rua que fica atrás da Capela.

* * *

Resta-me falar do «Vexilla Regis».

Trata-se de uma versão livre do inspiradíssimo hino que Venâncio Fortunato, que viveu em Tours e Poitiers, compôs no século VIII.

Composto em 1924, foi executado, com êxito, em 1928 no primeiro concêrto levado a efeito pelo «Renascimento Musical».

Então foi tocado por orquestra de arco e órgão acompanhando o côro.

Desta feita introduzi-lhe algumas modificações e instrumentei-o para grande orquestra.

Há quem considere o «Vexilla Regis» a obra mais notável com côro que tem sido escrita em Portugal nos últimos quinze anos. Há também quem lhe não encontre a menor parcela de merecimento. A minha opinião, porém, é a seguinte: nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO